REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 704

20 DE JULHO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Se alguma vez houve noticias sensacionaes para encher as columnas dos periodicos, esta semana foi das notaveis.

Hoje apparecia um telegramma em grosso normando tentando desde a mão do garoto e os supplementos eram apregoados em altos berros; ámanhã vinha o desmentido, mais normando e supplementos.

Foi assim que toda uma semana se passou. A suspensão das garantias em Hespanha e a censura dos telegrammas deixaram n'os muitas vezes em duvida até sobre a rendição de Santiago, embóra com todos seus pormenores o telegrapho nol-a tivesse descripto.

O que haverá? perguntava-se E ferviam noticias, que mutuamente se desmentiam!

O mesmo succedeu com o caso da demissão de Mousinho de Albuquerque, ora confirmada, ora posta em duvida. O mesmo ainda com a nomeação do novo governador, ora dizendo-se que seria o sr. Galhardo, ora o sr. Castilho, ora que nada havia resolvido sobre o assumpto.

Deu que falar tambem o novo decreto sobre a adjudicação do theatro de D. Maria, dando d'elle extractos contradictorios varios jornaes, que indicaram alguns nomes para o logar de commissario regio nomeado pelo governo junto da nova empreza. Boatos, boatos para todos os lados, boatos de todas as côres.

Sendo a verdade uma só, como é que tanta coisa corre como verdade, ajudando o enredo de toda esta comedia humana?

Desde o mais grave e serio, como a guerra, ao mais futil e indifferente, como o tempo de duração da feira franca, o que se mentiu durante uma semana inteira! Se houvesse o livro das mentiras, como ha um Evangelho, não haveria no mundo bibliotheca onde coubesse!

E o peior é que ninguem será capaz de desembaraçar a meada onde a verdade se embrulha entre tantas emmaranhadas patranhas. A historia moderna, com todos os documentos que vai deixar, ha de dar mais que fazer aos nossos quintos netos, que a todos os grandes historiadores modernos o Egypto, a Persia, a Assyria, a edade do ferro, a do bronze e a da pedra.

O que parece verdade, quando um homem o escreve, é já mentira, quando um outro o imprime.

Em compensação, o que parece mentira talvez venha a ser verdade.

Mas de tantas noticias contradictorias, e até contrarias, alguma coisa se conclue e essa bem triste para o resultado da lucta a que a Hespanha se atreveu contra os Estados Unidos.

Um arrojo foi, e ainda peior o que houve de inconsciente n'esse arrojo.

Devemos ainda lembrarmo-nos de como os jornaes falavam da marinha e do exercito americanos. Eram chavecos que os officiaes não sabiam commandar, eram tropas de mercenarios. O dinheiro de que os *yankees* dispunham parecia ser o inimigo temeroso e unico.

Succederam-se as victorias e a esperança da desforra foi pouco a pouco desapparecendo. Os olhos fechados com que os hespanhoes haviam caminhado para a guerra, foram-se pouco a pouco descerrando.

O desastre é fatal. Deu-se ou está para dar-se. Deu-se, é o mais certo; já não ha que fiar em desmentidos.

Fala-se da paz. A grande difficuldade é encontrar o homem que não tenha duvida em subscrever as condições fatalmente pesadas, apesar de talvez generosas, que os americanos impozerem.

Elles mesmos devem estar anciosos pelo final da guerra. Um inimigo mais terrivel que as balas dos canhões das fortalezas de Santiago deu entrada no acampamento dos sitiadores.

O vomito negro começou fazendo victimas entre os soldados, o que tem sobresaltado os habitantes dos estados do sul, que receiam que a terrivel doença invada o paiz.

CENTENARIO DE MICHELET

MICHELET

Havia, ha dias, mais de cincoenta homens atacados e entre elles varios officiaes e o general Duffield.

O partido da paz é grande na America que teme os desastres, fataes consequencias d'uma guerra prolongada, a que não escapam os vencedores.

Os hespanhoes continuam a ser admirados por sua extraordinaria valentia. Os proprios adversarios, a cada momento buscam ensejo para lhes mostrar o seu respeito pelas qualidades de animo que hão demonstrado desde o principio da campanha.

Soldados valentissimos são sem contestação, e tanta gloria póde caber muita vez n'um desastre como na mais decantada victoria.

Alguns factos narrados pelos jornaes são para encher de orgulho a nação que taes filhos teve.

Orgulho legitimo é esse Nós o sentimos tambem, e não ha muito, quando na Europa inteira foram classificadas de maravilhosas as nossas victorias na Africa do oriente.

Não houve então portuguez que não se envaidecesse.

Bom é relembral-o de vez em quando. E todos, por certo, das alegrias que tiveram se lembraram, quando, agora, de novo, por motivos com que essas guerras nada teem, foi acceite pelo governo a demissão pedida pelo Commissario Regio da Provincia de Moçambique.

Bom é relembrarmos de quando em quando essas datas gloriosas, esses dias felizes, em que lagrimas de jubilo brilharam em tantos olhos, em que os vivas sentidos aos soldados portuguezes eccoaram por todas essas ruas.

O tempo passa, as lembranças apagam-se, novos perigos surgem, novos ideaes alvorecem. Depois do dia segue-se a noite, ás vezes noite de inverno, longa, longa. Mas o lembrar os tempos bons que passaram é ter esperanças d'uma nova aurora.

Vão os dias passando e trazendo novos cuidados, que obrigam a esquecer os cuidados que foram Assim trouxessem novas alegrias.

Vão mudando as idéas; mas não deviam mudar os corações. Que se lhe ha de fazer? A gratidão é coisa pesada para as almas pequeninas.

O tempo passa e, dada uma lembrança ao passado, pensaremos no que ha de vir.

Por emquanto o verão não nos tem trazido noticias alegres. Semsabor costuma elle correr e semsabor vai correndo, como de costume.

As bem conhecidas phrases sob o calor asphixiante não teem faltado nem a costumada pergunta: Dá-se melhor com o calor ou com o frio?

Uns dias melhores, umas nuvemsitas que vieram refrescar a atmosphera, deram ultimamente maior animação aos theatros.

A revista *Ali... á Preta* voltou a dar excellentes casas bem como o *Boccacio* no theatro da Trindade.

Na Avenida Angela Pinto, um dos mais extraordinarios talentos que se teem revelado em theatros portuguezes, faz agora novos papeis e todas as noites é applaudidissima nas cançonetas em francez.

Palmira Bastos é já muito mais do que uma promessa. Não precisava do novo triumpho do *Boccacio* para comproval-o. Talento malleabilissimo será um dia uma grande actriz de opera comica, quando poderia ser, se o houvesse querido, uma excellente artista no drama.

No Theatro D. Amelia continua em ensaios o *Cyrano de Bergerac*, a celebre peça de Rostand, traduzida pelos nossos amigos Julio Dantas e Manuel Penteado.

E d'este verão não ha mais noticias. Muito já se tem falado em theatros, o que é caso raro, pois geralmente, a não ser um ou outro fiasco de emprezario teimoso, o mez de julho costuma ser somitico em novidades

Nada ainda podemos dizer sobre a futura epoca em D. Maria. A deliberação tomada pelo governo com relação á adjudicação do theatro dará por certo logar a muitas discussões e talvez a alguma solução inesperada.

Não seja o caso que tudo fique peior do que estava.

Diz-se, porém, que o novo programma foi elaborado pelo sr. Antonio Ennes.

E' motivo para o esperarmos bom

Os extractos que d'elle deram alguns jornaes eram por tal fórma contradictorios que nenhuma idéa d'elle fazemos por emquanto, esperando vel-o brevemente publicado no *Diario do G. verno.*

O inverno vem longe por ora e pouco na futura epoca theatral se pensa só d'ella cuida quem do theatro vive e anda, ha muito, ralado pela incerteza em que o tem posto a indolencia do governo em resolver um assumpto, de que depende o bem estar de muitas familias.

Trez longos mezes hão de passar-se ainda e só de praias e thermas cuidam por emquanto os mais infelizes dos doentes e os mais felizes dos sãos.

N'esses casinos já muito se vai dando á perna nas valsas e polkas, remedio que parece seguro contra o rheumatismo. Caem em todas as repartições os requerimentos para licença e os attestados dos medicos. Os jornaes publicam no menor typo de suas typographias longas columnas com noticias do *hig-life*. Tudo parte As praias começam a chegar muitas familias hespanholas, este anno mais que de costume. Os hoteis encheram-se. Ja n'uma ou n'outra terra a bolinha de marfim gira no prato da roleta e a pásinha do pagador vai carregada de prata, tentos e cedulas.

A companhia dos caminhos de ferro elevou até cento e trinta o numero dos comboios na linha de Cascaes. Não deixa de ouvir-se o apito, dia e noite. De noite sobretudo é um inferno. E' que juntamente com o apito da machina, ha muitos pontos... que veem a apitar.

João da Camara.

MICHELET

O homem a quem este nome pertenceu no mundo, foi uma pura cristallisação espiritual da sua raça, um producto brilhantissimo do seu proprio esforço e um verdadeiro sol de gloria no turbilhão prodigioso de constellações da intelligencia, que vem illuminando desde seculos a patria de Victor Hugo.

Como o autor dos *Miseraveis*, o poder extraordinario da sua mentalidade, transpôz todas as fronteiras do territorio da França, e não ha hoje ninguem nos povos cultos que se não tenha enlevado em doce recolhimento, ao lêr alguma das obras de Michelet, todas tão correctas na linguagem, tão delicadas na forma, tão elevadas no estylo e tão sublimes nos conceitos!

Nasceu Michelet, aos 13 de julho de 1798, em Paris.

«Je naquis em 1798, escreveu elle mesmo em carta dirigida a Edgard Quinet, dans le choeur d'une église de religieuses, occupée alors par notre imprimerie; occupée, et non profanée; qu'est-ce que la Presse, au temps moderne, sinon l'arche sainte?»

Como na carta a que me reporto, vêem ainda outros dados interessantes que podem servir de esclarecimento para a biographia do immortal francez, deixo de novo á sua penna inconfundivel a tarefa de nol-os fornecer: «Les déux familles dont je procède, l'une picarde et l autre ardennaise, étaient originairement des familles de paysans qui mêlaient à la culture un peu d'industrie...

«Le père de mon père, qui était maitre de musique à Laon, ramassa sa petite épargne, après la Terreur, et vint à Paris, où mon père était employé à l'imprimerie des assignats. Au lieu d'acheter de la terre, comme faisaient alors tant d'autres, il confia ce qu'il avait à la fortune de mon père, son fils ainé, et mit le tout dans une imprimerie au hasard de la Révolution.»

Fica uma impressão agradabilissima em nosso animo, de vêr tal franqueza de confissões, e tanta difficuldade de romper caminho nos primeiros tempos da existencia.

«Le vrai nom de l'homme moderne, celui de *travailleur*, dil-o elle tambem na carta citada, je le mérite en plus d'un sens. Avant de faire des livres, j'en ai *composé* matériellement; j'ai assemblé des lettres avant d'assembler des idées, je n'ignore pas les mélancolies de l'atelier, l'ennui des longues heures...».

Foi assim que desabrocharam as faculdades creadoras de Michelet, que a sua organisação muscular adquiriu desenvolvimento e que a tempera do seu caracter tomou corpo inicial.

As paginas sempre formosas do livro *Imitação*, aqueceram de uncção divinal a infancia do filho do trabalho, ficando-lhe gravadas na alma como joia diamantina engastada em ouro sem liga: «je ne lisais pas, j'entendais... disse Michelet mais tarde, comme si cette voix douce et paternelle se fût adressée à moi même...»

O desejo de saber, a sua natural inclinação para os livros, em breve o impelliram nas horas que lhe era possivel empregar na leitura e no estudo, á convivencia muda e intima dos grandes mestres.

Depois, não obstante as vicissitudes politicas do paiz, e as circumstancias mais ou menos graves da sua vida pessoal, veiu a estar em contacto com os vivos illustres na sciencia e na litteratura contemporaneas.

Contou Willemain e Leclerc, no numero dos seus professores, e affirmou dever-lhes muito no modo dedicado como se propozeram despertar-lhe estimulos.

Professor d'um collegio, mediante concurso, em 1821, passou seguidamente a fazer parte do corpo docente da Escóla Normal. entrando em 1838, para o Instituto e o Collegio de França.

Não ha momentos ociosos na longa carreira de Michelet.

Os prazeres sensuaes, que deprimem e abatem physica e moralmente; a evidencia das altas posições sociaes, cuja atmosphera está constantemente carregada de miasmas de embustice, nada d'isto attrahia a sua attenção, apenas dividida entre o amor casto de esposo e as responsabilidades inilludiveis de mestre.

Elle não votava no seu coração odio nenhum a pessoas ou a cousas; sabia porém distinguir o falso do verdadeiro, e não ignorando que o perigo acompanha sem cessar o ser racional, afastava-se do commercio dos homens.

Gostava de palpar nas aulas que regia, a evolução intellectual dos seus discipulos, de encontrar em casa um espelho de virtude nos olhos ternos da mulher exemplar, de contemplar a sós na magestade estatica da Natureza a imagem arroubante da liberdade!

Liberdade e Patria! eis os numes terrenos que o guiavam, a dualidade psychica da sua philosophia e a aspiração suprêma do seu genial talento.

A obra litteraria de Michelet, deveras immensa na quantidade de volumes que publicou ou lhe editaram, é incomparavelmente maior sob o ponto de vista do merito pratico e da importancia moral educativa.

Instrue, materialmente fallando, e levanta o espirito até ás regiões serenas da Belleza increada, purificando-o nas visões do Infinito.

Basta a enumeração simples de grande parte dos seus livros, para que se possa avaliar a extensão enorme da sua actividade e a vastidão e variedade dos seus conhecimentos.

O Banquete, *Guerras de Religião*, *Henrique IV e Richelieu*, *Richelieu e a Fronda*, *Luiz XIV e a Revogação do edito de Nantes*, *Luiz XIV e o duque de Borgonha*, *Luiz XV*, *Luiz XV e Luiz XVI*, *Historia do seculo XIX*, — *Origem dos Bonaparte*, *Até ao 18 brumario*, *Ate Waterloo*, — *O Amor*, *Biblia da humanidade*, *O Estudante*, *A Mulher*, *As Mulheres da Revolução*, *Historia romana*, *Introducção á historia universal*, *Legendas democraticas do Norte*, *O mar*, *O povo*, *Resumo da historia moderna*, *O sacerdote, a mulher e a familia*, *Os soldados da Revolução*, *A feiticeira*, *Origens do direito francez*, *Joanna d'Arc*, *Luiz XI e Carlos o Temerario*, *Historia de França*, etc.

O ultimo trabalho que designei, abrange 20 volumes e vae até 1794, representando seguramente a excellencia d'uma vontade inquebrantavel ao serviço d'um julgador imparcial, cujos ideaes superiores consistem no respeito pela Justiça e no amor da verdade.

Agora mesmo, tenho deante de mim, na mesa de estudo, tres volumes de Michelet, cada um dos quaes já li mais de duas vezes, e que, embora de dimensões acanhadas quanto á materia, aliás campo amplo de lucubrações, definem o papel primoroso do distincto auctor na vida d'este seculo e nos esplendores da civilisação, *Le Peuple*, *Les Soldats de la Revolution* e *L'Oiseau*.

Michelet, no primeiro dos referidos volumes, traça na rapidez vertiginosa d'um quadro deslumbrante, a historia completa e exactissima do homem do povo, quer elle amasse a terra com o suor do seu rosto, quer gema na labutação das fabricas, quer gose delicias de affecto no seio da pobreza junto ao berço dos seus filhos e ao lado da companheira da sua miseria; no segundo, apresenta nos na sua legitima individualidade os retratos soberbos de Latour d'Auvergne, Desaix, Hoche, pinta-nos com côres vivissimas de realidade o que ha de grandiosamente horrivel n'um campo de batalha, o que póde haver de celeste na merecida apotheose triumphal do vencedor e toda a crueldade contida na ingratidão e na injustiça; finalmente, no terceiro, decifra-nos os mysterios do Deus Creador, seguindo a aza da ave, que se equilibra nos espaços aereos, desde a morada no ovo até á segurança admiravel do largo vôo nos ultimos limites a que a nossa vista armada logra alcançar.

L'Oiseau, é um estudo rigorosamente aquilatado aos moldes da sciencia, e é ao mesmo tempo um poema em prosa; é um livro que ficará sem rival e que jámais poderá ser lido sem que se experimente uma commoção profunda.

Na sua Conclusão, depara-se o seguinte bello periodo:

«Nul effort direct de l'homme n'a agi pour le

bien du globe autant que l'humble travail des modestes auxiliaires de la vie humaine.»

Diz muitissimo bem Michelet; as aves são de facto auxiliares modestos, a que devemos a destruição de seres innumeraveis tão damninhos á seiva da nossa flora quanto perigosos á nossa propria vegetação organico-animal.

E, apropriando ao objecto do meu caso a phrase transcripta, direi, terminando, que nenhum esforço temerario de qualquer atrevido orgulhoso e venal influe nunca com tanta vantagem para o legitimo progresso moral da humanidade, como a acção dos que fogem seguindo o exemplo de Michelet, aos vivas ruidosos das turbas compradas e ás manifestações interesseiras dos hypocritas.

Acompanho pois a nação franceza na celebração centenaria do nascimento de Michelet, consignando n'estas linhas humildes a homenagem da minha consciencia e o tributo da minha admiração.

D. Francisco de Noronha.

Exposição e concursos de alfaia agricola

A Real Associação Central da Agricultura Portugueza tem seguido, ajudado e muitas vezes guiado, com a maior attenção e o mais cuidadoso disvello, o trabalho perseverante da lavoura.

E de iniciativa propria, com mui nobre esforço, bastante consegue com a sua obra constante, activa, teimosa, em proveito da causa sagrada que deffende.

Para um paiz de inactivos, de voluveis, de inconstantes, de centralisadores em torno do Estado, é de largo alcance este exemplo d'uma associação da classe mais dispersa pelo nosso territorio e portanto menos propria a unir-se.

Não faremos agora a resenha dos serviços prestados ao Portugal agricola pela Real Associação Central.

Da sua obra que vem desenrolando-se ha perto de quarenta annos resalta a impressão d'um labutar incessante e proficuo a favor da agricultura nacional e da economia do reino.

Na sua obra nunca a nossa malfadada politica de partidos, logrou fructificar; das vezes que tem tentado desfazer os seus emprehendimentos, que tem tramado conduzil-a a perigosas paragens, sempre o insuccesso coroou suas pretenções e a Associação da Agricultura resurge segura e serena no campo de actividade e de austeridade que se talhou.

D'este seu ultimo emprehendimento — *a exposição e concursos de alfaia agricola* —, pelo caracter pratico, nacional, eminentemente proveitoso, sem rhetorismos vãos nem ouropeis inconsistentes, desume se tambem proficua lição não só para os lavradores que os teem estudado e julgado, fazendo parte de todos os jurys representantes seus vindos expressamente da provincia, mas tambem para todos pela sua orientação norteada para attingir *factos* e *numeros* e pela diminuta despeza com que foram levados a effeito não ultrapassando os pequenos subsidios que proporcionaram á Real Associação, o sr. ministro das obras publicas e a Commissão Central Executiva do Centenario da India.

Do feitio pratico d'esta recente obra da sociedade agricola, fallam bem alto o exito dos concursos em trabalho de ceifeiras, charruas, tararas, pulverisadores etc. etc. realisados perante jurys de agronomos e de lavradores e de numeroso publico interressado.

E n'isto vae o maior elogio á Associação organisadora d'este certamen, que decedidamente comprehendeu por completo a missão que se impôz e conseguiu fomentar, assegurar a estreita união da theoria e da pratica em agricultura, caminhando de mãos dadas no caminho do são progresso.

A Real Associação deve estar conscia de que muito fez, muito valor mostrou, muito serviço prestou independentisando-se da tutela do Estado, tendo o arrojo da iniciativa particular, unindo no mesmo pensamento associações e escolas agricolas, agronomos e lavradores e pondo á disposição da lavoura nacional «os elementos com que se apreciam os recursos de que o trabalho nacional dispõe para a exploração do solo e com que se pode verificar as condições de trabalho e o effeito util da mais moderna e mais aprefeiçoada alfaia agricola».

E — como é notorio — depois da chimica é a mechanica o factor, que de industria humana, mais assignalados serviços tem prestado á agricultura.

Ora a Real Associação vae dotar o paiz dentro de breves semanas com um = *Guia pratico para o emprego dos adubos em Portugal* = ahi está a *chimica*—, abriu ao publico uma exposição de alfaia agricola, tem multiplicado os concursos em movimento das machinas agrarias — ahi está a *mechanica*.

Mechanica pratica; não é só o brilhante, immovel, *mudo* enfileiramento de machinas, vistosas de côres, luzentes de verniz nas galerias embandeiradas, entre plantas ornamentaes; é tambem e principalmente a serie de provas em trabalho, quando as machinas *fallam*, quando a terra tem manchado a pintura, arrancado o verniz das charruas, quando a poeira suja as guelas das tararas, quando os liquidos morticolas ennodoam e humedecem os rotulos polychromos dos pulverisadores e as irregularidades d'um terreno sujeitam a mil choques as complicadas engrenagens das ceifeiras mechanicas.

Nenhuma exposição da especialidade houve ainda em Portugal, de orientação tão sádia, tão despida de vaidades humanas, e tão prenhe de proveitos. Nenhuns concursos se realisaram ainda entre nós, por tal forma concludentes, de resultados tão saltantes aos olhos curiosos e já hoje assaz instruidos do nosso lavrador.

A Real Associação da Agricultura não esquecendo um elemento sequer de exito *real*, chamando a si para a constituição dos jurys delegados dos syndicatos agricolas do paiz, lavradores de todas as provincias, obrigou — se é necessario recorrer á força d'este verbo — a attenção do elemento mais interessado e, em factos, em numeros impôz o progresso aos mais renitentes da numerosa classe agricola.

É credora, pois, do maior elogio e do mais penhorado agradecimento do paiz em geral, do paiz agricola em especial. Tanto mais quanto é certo ter encontrado da parte de alguns industriaes e dos elementos burocraticos da especialidade e outros, a mais renitente, ainda que passiva, das resistencias.

É justo porém destacar de entre tanta má vontade o tenaz auxilio tão intelligente quanto patriotico, dispensado á Associação da Agricultura, pelo chefe supremo de todas essas repartições officiaes contrarias, o ministro das obras publicas, sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.

*

Dois factos impressionam desde logo apoz uma visita, curta que seja, ao palacio da Real Tapada da Ajuda que Sua Magestade El-Rei tão generosamente cedeo para a exposição:

A variedade de machinaria construida no paiz; a perfeição do seu fabrico.

Só para extrahir estas duas affirmações,—honra e gloria da Industria nacional, — valia a pena ter realisado a exposição.

Tão poucas vezes somos alcunhados de incapazes de progresso... E n'este ramo industrial, como em muitos outros felizmente, o progresso é consideravel.

A exposição de alfaia agricola é um documento honrosissimo que fica no activo de nossa Industria.

A casa von Haffe, do Porto, por exemplo, apresenta um conjuncto de machinas — charruas, tararas, escaroladores, prensas, bombas para trasfega, batedeiras para manteiga, etc. — *todas* fabricadas nas suas officinas com materiaes e operarios portuguezes, cuja perfeição póde medir se pelo preço, relativamente diminuto, condição que deve entrar em muito na apreciação economico agricola d'um machinismo.

As casas Collares, Henriques & Irmãos, Primeiro de Novembro, Capucho, Nascimento & C.ª, A. C. Encarnação distinguem-se como plano de construcção e excellencia de fabrico metallico nas machinas que apresentam : — prensas, apparelhos distillatorios, oenothermos, bombas, balanças e peças accessorias, tudo executado no paiz.

Em charruas é notavel a evolução racional que nas suas modificações a typos extrangeiros e em typos seus, apresentam os constructores srs. Augusto José Xavier & C.ª e Viuva Theotonio José Xavier & F.º (a casa mais antiga na especialidade), graças, muitas vezes, á intervenção intelligente do nosso lavrador.

De resto o agricultor portuguez tem melhorado, adaptando-os melhor ás suas terras, numerosos typos de charruas inglezas e americanas. Poderemos citar entr'outros os nomes dos srs. Miguel de Oliveira Fernandes, Gomes Palma, ambos de Beja com as suas modificações nas charruas Cook e o sr. visconde de Alter aperfeiçoando o charrueco americano Howard.

Todos estes exemplares se vêem na Exposição da Tapada, bem como os do sr. Eduardo Duarte Ferreira, constructor no Tramagal, que por ter suas officinas n'um centro de lavoura, póde considerar-se lavrador, no sentido de melhor conhecer as necessidades da mechanica arroteadora pelo menos do Ribatejo. É digna de particular attenção a sua charrua de aiveca movel para lavoura funda, que o jury premiou, no concurso em trabalho, com medalha de ouro.

A Companhia Centro Agricola e as firmas Viuva J. P. Marcello & C.ª, Nascimento & C.ª tambem construem, alem de outros machinismos, differentes modelos de charruas que apresentam em exposição e levaram a concurso em trabalho, obtendo lisongeiras classificações conforme veremos.

As instalações especiaes das duas primeiras d'estas casas, fóra do palacio, são dignas de visita muito especial, sobretudo a do Centro Agricola pela variedade dos machinismos exposto que, na sua grande maioria são de fabricação nacional interessando e ensinando duplamente o visitante ligado a estes assumptos da exploração do solo ou curioso do progresso industrial do paiz. Desde a singela forquilha até á complicada enfardadeira de palhas, desde a modesta enxada até á grande charrua dupla Brabante, desde a simples bomba de montureira até aos moinhos automaticos levantando alto as suas torres de ferro, é de ver alli toda a escala de machinas, apparelhos, utensilios para todas as terras e culturas, para todas as industrias e misteres ruraes.

No largo arruamento que extréma o *parc* das terras de cultura, d'onde se disfructa um panorama soberbo do Tejo, os pavilhões rusticos da Viuva Marcello, do Centro Agricola, de Street & C.ª, do restaurant Jansen e o coreto da musica, dão uma nota pittoresca á paysagem.

Voltando, porém, ao palacio da exposição temos a notar em o jardim onde começa a escadaria, quatro magnificos modelos de carros para transportar generos agricolas expostos respectivamente pelos srs. Miguel Fernandes, de Beja; visconde de Alter, de Alter; J. A. de Almeida Araujo, de Queluz (construcção da casa Ligorio S. da Silva) e pelo Syndicato Agricola de Evora.

O primeiro e ultimo d'estes expositores e o sr. conde de Nova Goa, de Thomar, apresentam, n'esse mesmo recinto collecções muito curiosas de alfaia antiga das suas regiões, alguma ainda em uso.

Dentro do palacio e n'esta secção — *revista da alfaia usada no paiz* — são etnographicamente interessantissimas as collecções d'instrumentos agricolas de Mirandella (Traz-os-Montes), de material viticola da Regoa (Douro), as lindissimas cangas de Vianna do Castello (Minho) etc. etc. colligidas a pedido da Real Associação pelos agronomos srs. Albano Nogueira P. Lobo, F. A. Palma de Vilhena e Cerqueira.

Pena foi que a maioria dos syndicatos agricolas, dos lavradores e dos agronomos districtaes, apesar de todas as facilidades offerecidas pela Associação da Agricultura não quizessem, com o diminuto trabalho que restava para tomarem a seu cargo, contribuir para este curiosissimo e instructivo capitulo da exposição de alfaia agricola. E' preciso saber-se que a Real Associação, no empenho d'extrahir toda a utilidade do seu emprehendimento, encarregava-se de despachos e conducções, e pagando todas as despezas de acquisição, aluguel e transporte quando fosse preciso.

Da comparação entre a moderna e a antiga machinaria dos campos extrahia-se proveitoso ensino; do collecionamento d'essa velha alfaia resultava uma contribuição de grande valor para o estudo da etnographia portugueza.

De fabricação nacional encontram-se ainda dentro do palacio, bons trilhos debulhadores das duas firmas Xavier; um escarolador de milho para ser movido a vapor, typo d'invenção e construcção do regente agricola sr. J. Marques Ribeiro, de Muge, muito elogiado pelos lavradores ribatejanos; outro escarolador de milho, muito perfeito e bem acabado, para ser movido a braços, do constructor Hingá, de Leiria; alguns excellentes pulverisadores de Henriques & Irmãos, Nascimento & C.ª; solidos exemplares de tanoaria da casa Viuva Claudino José Dias; apparelhos filtradores de azeite (systema Bari) do fabrico do sr. Carracha, de Vianna do Alemtejo, de azeite e vinho d'invenção do sr. Ornellas, de Lisboa; chocadeiras artificiaes, utensilios para criação de pintos e engorda de gallinhas inventados ou construidos pelos srs. Ernesto Pinheiro e Alfredo Faria, do Porto; etc. etc.

*

De importação estrangeira temos a notar as machinas electricas tanto para illuminação como para motores applicaveis á agricultura, do intelligente e emprehendedor sr. Emilio Biel, do Porto.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

PALACIO DA EXPOSIÇÃO E CONCURSO DA ALFAIA AGRICOLA NA TAPADA DA AJUDA

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

Charrua Dombasle, premiada com medalha de ouro

Charrua dupla Brabant, premiada com medalha de ouro

Ceifeira simples Osborne, premiada com medalha de ouro n.º 1

Ceifeira simples Adriance, premiada com medalha de ouro n.º 2

Ceifeira atadeira Osborne, premiada com medalha de prata

EXPOSIÇÃO E CONCURSO DE ALFAIA AGRICOLA

Constituem uma novidade tão grande para o nosso meio, que um alto vulto, imposto pela politica á agricultura official, cuida estarem ellas deslocadas na Tapada e n'essa crença permitte-se fazer espirito dando largas ao despeito por não ter sido o iniciador da exposição, sem perceber que o ridiculo é para elle, ignorante com pretenções a critico. O *clou* das ultimas exposições de material agricola em Hamburgo e em Bruxellas, foi exactamente o da applicação dos motores electricos aos trabalhos ruraes.

A' exposição da Tapada não faltou pois a maior novidade n'este ramo da mechanica agricola.

O sr. Emilio Biel com o sr. von Haffe, a União Vinicola e Oleicola do Sul, o Instituto de Agronomia, Henriques & Irmãos, Sociedade 1.º de Novembro, e poucos ou nenhuns mais, constituiu o nucleo d'expositores de Portugal que nunca negou a sua bôa vontade e actividade, a sua efficaz collaboração desinteressada á Real Associação da Agricultura.

Fez ao contrario de muitos; alguns que forçaram a generosidade da Associação com exigencias desmedidas e inexplicaveis, outros que ouriçaram de contrariedades, hesitações, obstaculos a senda que trilhava a Commissão organisadora com o intuito unico de, beneficiando-os a elles, prestar serviço á lavoura nacional!

A União Vinicola e Oleicola do Sul, na pessôa do seu talentoso director-gerente o agronomo sr. Antonio Izidoro de Sousa, foi um poderoso auxiliar dos organisadores da exposição. N'um dado momento, quando o plano do certamen estava prestes a sossobrar sob a pressão d'uma gréve tão pouco intelligente e tão pouco séria da parte d'alguns commerciantes e industriaes, a União do Sul em 48 horas, com auctorisação *directa* do sr. ministro das obras publicas, trouxe de Vianna do Alemtejo para a Tapada da Ajuda todo o seu material moderno de trabalho vinario e oleicola e outro, onde se conteem elementos d'estudo perfeitamente ineditos para o paiz e constituindo um

dos successos da exposição. O moinho portatil de azeitona e outra alfaia oleicola Giordano; o refrigerante de mosto Muntz & Rousseaux; o seccador de fructos; a balança registradora automatica; os filtros de Bari para azeite; o manejo Vernette para surribas, constituem entr'outra machinaria, verdadeiras novidades, efficaz ensino para a maior parte do nosso publico interessado.

Apresentando novidade para nós e que afinal novidade é em absoluto, pois o caminho foi encetado ha pouco n'este sentido, vieram de Lyon á nossa exposição dois modelos d'esmagador-prensa continua helicoidal Morineau, da casa Satre Fils Ainé & C.ie, apresentadas pelo sympathico agente geral sr. J. Colin, membro da Sociedade dos Agricultores de França. Este apparelho de vinificação segue na esteira do ideal industrial de simplicar serviços poupando mão d'obra e mantendo ou melhorando a perfeição do fabrico. É construido em ferro fundido; a tremonha superior recebe a vindima que passa entre dois cylindros esmagadores de caneluras helicoidaes ligeiramente arredondadas para evitar o corte do engaço. A massa cahe n'um recipiente ligeiramente afunilado no sentido horisontal, em folha d'aço de 3 millimetros d'espessura, estanhado e perfurado. No interior d'essa caixa move-se um parafuso de Archimedes terminando onde começa uma parte cylindrica que é a verdadeira camara de compressão. O primeiro summo escorre directamente sem ir á prensa e pode separar-se do restante, que tem sahida especial. Para evitar a rotação da balsa uma contra-helice destaca a massa. Posteriormente sahe o tampão da balsa comprimido de encontro a um cone mais ou menos apertado por uma porca e uma mola.

Tal é em poucas palavras o apparelho engenhoso que tem chamado com justo motivo a curiosidade dos nossos viticultores. A elle nos referiremos mais detidamente, quando fizermos a revista critica da exposição.

Simples esmagadores ou esmagadores-desengaçadores d'uva apenas se apresentam alguns de fabricação estrangeira; os de Marmonier, apresentados pelo sr. J. P. Marques, de Torres-Vedras, que tambem trouxe as prensas do mesmo auctor e outros expostos pela casa Nascimento & C.a e pelo Centro Agricola.

Estas duas ultimas casas e a de Street & C.a levaram á exposição, em machinas extrangeiras, semeadores, ceifeiras simples, ceifeiras atadeiras, uma debulhadora, enfardadeiras de palha e feno movidas a vapor, a sangue e a braço, tararas, crivos, prensas, bombas, uma locomovel, etc etc., de que nos occuparemos mais em especial n'outro artigo, bem como das installações dos srs. Klinger, J. J. Ribeiro e da magnifica e suggestiva apresentação do Instituto de Agronomia, de Lisboa, e da Escola Pratica de Agricultura e Horticultura de Antibes (França).

D. Luiz de Castro.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUERRA HISPANO-AMERICANA

O desastre da marinha hespanhola nas Fillipinas, foi um triste começo para a lucta travada entre esta nação e os Estados-Unidos da America.

A superioridade dos navios americanos, em numero e qualidade, em relação aos navios hespanhoes, decidiu logo da sorte das armas, ficando completamente derrotada a esquadra hespanhola.

De nada valeu a coragem dos hespanhoes, que tinham á sua frente o almirante Montojo, que resistiu até á ultima, quando o *Reina Christina* já se afundava incendiado pelas bombas americanas.

O combate deu-se na manhã do dia 1 de maio, em frente de Cavite e foi ali que o almirante Dewey á testa de oito couraçados americanos, derrotou a frota hespanhola, composta de cinco navios dos quaes o mais importante era o cruzador *Reina Christina*, pois que os restantes eram navios pequenos desprotegidos de couraça.

Não foram mais felizes os hespanhoes na sua defeza de Santiago, onde uma esquadra americana commandada pelo almirante Sampson, fazia o bloqueio de toda a costa.

A esquadra hespanhola do commando do almirante Cervera, evitou por muito tempo o encontro com a esquadra de Sampson, o que produzio grandes impaciencias aos *yankees* chegando até a fallar-se na substituição do almirante americano.

Cervera, porém viu-se forçado a entrar na bahia de Santiago para tomar carvão, e ali se conservou mais de 20 dias até que a necessidade de sahir d'aquella situação o obrigou a abandonar o porto e correr o risco do encontro com a esquadra de Sampson.

Assim succedeu.

Na manhã de 5 do corrente a esquadra de Cervera sahiu a bahia de Santiago, levando os navios, que eram seis incluindo os torpedeiros *Pluton* e *Furor*, toda a marcha de que dispunham as suas machinas.

Foram, porem, vistos pelo cruzador americano Yowa, que logo deu o signal de alarme, e então os navios hespanhoes foram mettidos entre o fogo cruzado da esquadra de Sampson que os perseguia e lhes fazia o maior destroço.

O navio almirante hespanhol *Cristobal Colon*, foi o primeiro que começou a arder, em virtude das bombas explosivas que os navios americanos lançavam sobre elle, e a breve trécho, o *Viscaya*, o *Infanta Maria Tereza*, o *Oquendo* e os dois torpedeiros, tinham egual sorte, o que levou o almirante Cervera a render se e mais mil e trezentos hespanhoes.

A sorte das armas em terra tem custado mais a decidir-se, entretanto Santiago já capitolou, depois de heroicos combates entre as tropas hespanholas e americanas.

MEMORIAS LITERÁRIAS

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

VI

O terceiro canto — *No jardim de Lindaraxa* — tem por assumpto a entrevista velada pelos meandros daquella encantadóra estancia, a história da móira e o pacto entre os dôis namorados pâra a entrega de Granada, isto é, pâra a eterna perdição da Alhambra.

Dom Cesar de Padilha entrou na alegre estancia.
Erguia-se no ar a sensual fragancia
Das ervas das paues;
Divisavam-se no longe os rubidos crescentes,
E o Dom e o Xenil moviam, indolentes,
Os labios seus azues.

Como que por encanto, um bosque de palmeiras
Estremeceu de leve, em convulsões ligeiras,
E o seio verde abriu;
E como a ave louçã, que se evolou do ninho,
Seductora mulher, móira, feita de arminho,
Desse bosque surgiu.

Lindaraxa trazia o manto azul celeste
Das sultanas do harem, sobre a setinea veste
Perolas e coraes;
E na trança gentil, floresta de azeviche,
Tinha um turbante rubro, o esplendido fetiche
Dos povos orientaes.

Não se podem exigir maior elegancia e propriedade descritivas, nem mor bellêza de estilo e frase em tamanha e tão notavel simplicidade.

A môira, após o deliciôso introito do diálogo, convida o christão a sentar-se-lhe ao lado.

Nas formosas manhãs, ao toque da alvorada,
Venho invocar Alah nesta florida gruta:
Cantei-te no laúde a historia de Granada.
Vou agora contar-te a minha historia; escuta:
....

Vendo-me um dia
Despir a facha,
E entrar no banho
Co'os braços nús
Deram-me o nome
De Lindaraxa,
Que quer dizer
Rosa de luz.

E fui crescendo,
Formosa e pura,
Como as espumas,
Que veem do mar.
Mas... pobre e triste
Como a tristura,
Que, no deserto,
Sofreu Agar.

Orfã e pobre, a pequêna môira acolheu-se á proteção de uma bôa mulher, que a peste, por suprêma desgraça, lhe matou em breve.

Cobri lhe o corpo,
Inerte e frio,
De rosas brancas
E girasol,
E co'o meu pranto,
Correndo em fio,
Fiz lhe a mortalha,
Fiz-lhe o lençol!

Nisto, surge uma fada, que, pôisando lhe a vara sôbre as tranças negras, lhe prognostica um brilhante futuro.

Basta pâra isso que a esbelta môça têça com as fôlhas sêcas de certa palmeira um cêsto, e vá vendêl-o, no domingo, ao bairro môiro de Zucatim.

Passados dias, a aurora
Encontrou-me estrada fóra,
Cantando á luz da manhã;
Nos vales a cotovia,
Respondendo-me dizia:
«Sê bem vinda, ó minha irmã!»

Loiras abelhas pousavam,
Em torno a mim, e falavam
Não sei que frases de amôr,
Na minha boca poisando
Meus labios talvez julgando
O botão de alguma flor.

Sobre o cabello abundante
Levava o branco turbante,
Das moiras virgens do Islan;
E, sob o braço direito,
Um cesto pequeno, feito
De palmeira e de romã.

Tôda a história, por êste teôr, é o sônho de uma lenda fatídica, um encantamento, a que não se deseja ouvir o fim.

A môira entra no mercado, que é descrito, infelizmente, em poucas pinceladas. No auge da turba-multa, surge no curto horisonte um torvelinho de poeira, e de repente tudo emudeceu, tudo pasmou.

Em poucos momentos, brilhante como o sol, despontou ali o senhôr de Granada, o rei Boabdil, que, ao fazêr caracolar o fogôso cavallo, fôi ferir no pescôço a linda môça, que a fada lá mandára.

O rei, atónito de tamanha bellêza, e sentido do mal, que fizera, sustêve o cavallo, e perguntou:
— Quem és tu? donde vens?

— Sou de Gueltar senhôr — lhe respondi tremente —
Não tenho pae, nem mãe, nem tecto amigo e quente,
Nem abraços de irmão;
Vim á feira vender um cesto de palmeira,
E a morte ia encontrando, aqui, na mesma feira,
Em que buscava o pão.

— Nunca! não morrerás — volveu-me o regio moiro —
Que eu voto ao grande Alah o meu turbante de oiro;
Que Mahomet me deu!
Comigo á Alhambra vens. Não fujas, flor, não cores;
Hão de tratar de ti os fisicos melhores...
O enfermeiro sou eu!

Disse; e estendendo logo o seu robusto braço
Com elle me cingiu o virginal regaço,
Na sella me assentou.
—Viva a Alhambra e o amor!—bradou com voz potente!
E, em carreira veloz, pelo areal ardente,
Seu cavallo lançou!

Conta depôis qual é o seu poderio enorme, como grande e primeira sultana, que é; e, ao terminar da história, vae a retirar-se, aconselhando Padilla a que faça o mêsmo.

Éste porém.

— Amas Boabdil? — lhe perguntou sombrio.
— Não! — respondeu a moira — o seu carinho é frio,
Como a neve polar.
— As moiras são de fogo, e teem fogo nos olhos;
O monarcha é senil; digo-te sem refolhos,
Que o não posso amar.

— Então minha serás, embora a nobre espada,
Que herdei de meus avós, eu deixe deshonrada
Sobre o solo andaluz.
Entrego-t'a... ahi a tens; somente é tua agora.
Serás minha, mulher, feita da luz da aurora,
Juro-o sobre uma cruz.

E convida-a a abandonar o harem, e a prometêr-lhe que será sua mulher, indo encontrar-se com êlle, em dada ocasião, passados alguns dias.

E Lindaraxa responde loucamente:

— Irei! E como oferta ao Deus da christandade,
Comigo levarei a *rúbida cidade*,
Essa Alhambra infiel!
Boabdil caiu! ha de entregar Granada.
Sem um tiro se ouvir, sem um golpe de espada.
Boa noite, anadel!

E afastou-se a correr; dir-se ia uma gazela,
Fugindo num paul. Já quasi mal se via;
Sobre o ceu andaluz sumiu se a ultima estrella,
Cantavam rouxinoes, vinha raiando o dia!

E com mágua do leitôr, que sabe sentir e vêr, acaba aqui a terceira parte, que só peca pela estreitêza do âmbito, e não pela execução primorosa, que se nos afigura a mais sentida e poética de tôdo o livro.

A alma de Pereira da Cunha, ao colorir das estrofes aveludadas e quentes, de que destacâmos alguns matizes scintilantes, estêve inteiramente aberta ás emanações do bello, êsse fluido inenarravel, que é a suprêma inspiração dos artistas de genio.

(Continua) *Sanches de Frias.*

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

(Continuado do numero anterior)

XVIII

Amigos!

Quem atentasse bem nos seus olhos reluzentes, em seus ageis, porém bruscos movimentos, n'aquelle semblante, já illuminado pelo sorriso, já obscurecido por torva preoccupação, não acharia difficil, dada a boa vontade do observador, o descobrir indicios manifestos quanto evidentes de uma d'essas muitas fórmas da loucura raciocinadora que affligem, ha seis mil annos, a humanidade.

O Joaquim e o Romulo, pisando quasi que os calcanhares ao Frederico e á Tranquilina, como se fossem as suas sombras, collaboraram desesperadamente no trabalho de derrubar um edificio cruel de indicios anteriores.

Permaneciam callados um instante, e em seguida murmurava um phrases obscuras que o outro entendia perfeitamente.

Ao entrar no muzeusinho do Frederico, disse o Romulo:

— O thesouro escondido!

O Joaquim pendendo sobre o peito a triste cabeça e erguendo-a depois, rapidamente, acrescentou:

— Os tres beijos comprados na feira!

— Ah! (suspiro)

— Ah! (outro suspiro)

Encetou o Frederico as suas explicações com ligeiro emphase e chegou (parecia-o, pelo menos) a extasiar-se em frente dos caçoilos, das maças, dos machados, dos punções; voltou a evocar os seus antepassados da edade da pedra pulida, e rogou-lhes que houvessem por bem attender aos seus afazeres domesticos, tal qual como se não estivéra presente a sua prole. Não tenham medo, porém, que o Romulo e o Joaquim, e muito menos a Amalia, se rissem de qualquer das muitas ratices que dizia para condimento das explicações.

A «rapariga mais linda de todo o universo» aproximára-se do mancebo e fitava-o, attenta, posto que dissimulada.

— Quer-me perguntar seja o que fôr! — atalhou de repente o Frederico. Todo eu sou ouvidos.

— Que objecto é aquelle? — disse a Amalia, para dizer alguma coisa.

— E' uma serrasinha de siléx amarelado com cabo de chifre.

Entrementes Frederico andava entretido a explicar de quanta habilidade necessitava um homem lacustre para reduzir o silex áquella fórma, o dr. Roque, que se lembrava do verdadeiro fim da viagem e não pensava n'outra coisa, chamou de parte os dois velhos e com muito bom modo empurrou-os para fóra do aposento; a sr.ª Tranquilina operou tambem retirada estrategica, e o Frederico e a Amalia ficaram sós.

O mancebo não déra por coisa alguma e continuava com as explicações; ella, que tinha notado tudo, já o não attendia; pensava no que havia de dizer áquelle homem, que não tinha já talvez o seu juizo todo, e o coração palpitava-lhe.

Callou-se, por fim, o Frederico, voltou-se, e, encontrando-se a sós com a Amalia, pareceu titubear um instante e encaminhou-se para a porta.

— Creio que lhes preguei maçada — disse; fugiram; andam a contemplar á paisagem... Vamos lá...

A joven não arredou pé.

Caso estranho, na verdade! Aquelle homem audaz e impertinente parecia estar com medo de se aproximar da Amalia e de achar-se a sós com ella; não se arredava dos humbraes da porta e mostrava-se ancioso por ir ter com os hospedes.

Amalia deixou-se cahir sobre uma cadeira de baloiço que estava ao centro do muzeu.

— Vejo aqui pedra vermelha e pedra acastanhada? — perguntou.

— E roxa e amarella, tambem; por estes sitios apenas se encontrou a vermelha e a roxa; e por este motivo os meus antepassados... Minha senhora, o seu papá anda á sua procura, se me não engano está perguntando por si.

A Amalia não respondeu, e quando o Frederico se resolveu afinal a aproximar-se:

— Sente-se ahi, n'esse banquinho — lhe disse ella — que tenho que fallar comsigo.

O mancebo olhou em derredor, como quem busca auxilio, e não o encontrando, foi installar-se vagarosamente no banco mais distante.

A Amalia fez que não tinha reparado n'aquelle acto hostil, e com voz não mui segura, promompeu:

— Adivinhou o motivo que aqui me trouxe? Frederico respondeu que não, com a cabeça.

— E agora, adivinha?

— Cada vez menos.

— Tinha necessidade de falar-lhe — proferiu a joven; e não sabendo como havia de proseguir, callou-se, depois acrescentou com algum despeito:

— Não me pergunta o que é que eu tenho para lhe dizer?

— Estou escutando.

Novo silencio.

— Esta que é a tal pedra roxa? — perguntou d'ali a nada a Amalia com accento um tanto de mófa.

— Esta não; isto é barro cosido; a pedra roxa é esta, e aquella, a vermelha.

— Deixe-me ver tambem a amarella.

— Não a tenho; os habitantes da cidade lacustre que jáz por baixo de nós, não iam buscar materiaes fora do proprio terreno, que era de formação jurássica.

— Como?

— Jurássica.

Fez a joven um gestosinho impagavel e ficou callada.

— O senhor devia ajudar-me — disse depois, rindo; — não sei como hei de principiar.

— Porque não? — respondeu o melancolico Frederico de pé, e em frente d'ella; — bem pensado, acho até muito natural o que está fazendo.

Ergueu a Amalia a cabeça e contemplou-o com os olhos muito abertos e espantados.

— Sabe que fiquei pobre e está com remorsos de me ter feito dispender...

A joven disse, com a cabeça, muito depressa, que não.

— E quer resgatar... não é isso?

— Não é: não sou bastante rica... e tanto peior para o senhor; e d'ahi, tres mil francos de mais ou de menos não mudariam a sua situação. Oh! como é que o senhor poude lembrar-se de que eu empreendesse uma jornada para resgatar tres... Tão vaidosa me julga?

— É que o engenheiro Enéas veiu offerecer-me...

— Em meu nome?...

— Não, julguei porém que lhe assistisse esse direito, ou que interpretava os seus desejos, minha senhora.

— Não interpretava coisa nenhuma, ou então interpretava mal; quanto a direitos, não ostinha, nem os tem.

Proferiu a Amalia estas palavras com um tanto de leveza, e mui suspensa ficou do effeito que produziram no seu interlocutor, o qual, como que illuminado de subito, tornou a sentar-se, porem no banquinho mais chegado, e com accento sonoro, disse:

— Agora queira fallar, estou prompto a escutal-a; pergunte-me quanto queira, aqui me tem ás suas ordens.

Foi então a Amalia quem sorriu melancolicamente, sem desviar os olhos de sobre o semblante, já sereno, do adversario.

— O senhor não sabe — disse, depois, fingindo coordenar as ideias — até que ponto eu sou culpada?

— Deveras? — retorquiu o Frederico com chocarreira tranquilidade.

— Fiz uma creancice e recebi o castigo; veja como eu estou córada.

O Frederico quiz verificar de tão perto que a joven córou a valer.

— Devo-lhe confissão geral; será a minha expiação: quer ouvir-me?

— Quero absolvêl-a.

— Não tenha tanta pressa. Saiba que desde o primeiro dia que o senhor veiu a nossa casa, percebi que lhe era antipathica.

— Protesto!

— Esteja callado e deixe-me fallar; percebi, repito, que lhe era antipathica.

— Ah! — exclamou o mancebo suspendendo repentinamente o movimento negativo da cabeça.

— Quando, mais tarde, o senhor veiu ler-me aquella carta da incognita que o emprazava para o baile da baroneza de C... não quiz crer que o senhor desde o principio não tivesse percebido o que havia, e pareceu-me imperdoavel a sua frivolidade.

— E para me castigar da minha frivolidade imperdoavel...

— Commetti uma tolice imperdoabilissima, uma tolice enorme; sem embargo, não quero que o senhor a supponha mais do que na realidade foi. O senhor não pode saber quando era eu que escrevia e quando era a incognita; como me importa que o saiba... dir-lhe-hei que só duas vezes lhe escrevi. Uma carta que principiava por estas palavras...

Estas palavras, como poderão imaginar, tinha-as a Amalia nos labios, mas no momento em que ia pronuncial-as, sentia um acanhanhamento no qual nem sequer tinha pensado.

— Começava... ora espere... ah! sim, — d'este modo: «Pensei melhor.»

— Essa é a ultima; e a outra?

— Não me recordo... A outra... «Vi-te»...

— «Que alegria para o meu coração?» — proseguiu o Frederico muito serio. Poséra-se a Amalia que nem uma romã e a sorrir contrafeita.

— As outras todas — aduziu logo — arrecade-as o senhor debaixo d'uma redôma... são da incognita.

— Isto é, do Romulo e do Joaquim.

— De veras?

— De veras; elles proprios m'o affirmaram.

— Mas com que fim?...

— Esses dois meninos grandes escreviam-me para me distrahir, para me excitarem interesse em favor d'um enrêdo amoroso, confiados em que d'esse modo eu viria a ganhar amor á vida; nem mais nem menos. E mesmo agora, sabe o que elles vieram cá fazer? Receiam que a sorte me tenha despojado de tudo, e imaginando que eu queira marchar para o outro mundo, esperam chegar a tempo para me agarrarem pela fralda da camisa.

— O senhor, porém?...

— Nunca tive tanto amor á vida como agora. Enganam-se pois, de meio a meio. Porque está a olhar para mim d'essa maneira? Ah! sim! julga-me um tanto louco? Ora escute-me; vou provar-lhe que se engana.

— Cuidado! — disse a Amalia alegremente — todos os loucos pretendem isso mesmo.

— É verdade; callar-me-hei.

— Diga, sempre; diga.

— Melhor será que me diga... Afinal o que é que eu perdi? Cavallos, trens, moveis de luxo, uma casa em Milão.

Olhem a grande coisa! Eu nunca sahia de carruagem; só entrava em casa para dormir e nem sequer abri uma gaveta a qualquer dos meus moveis; a unica falta que sentirei é a dos cavallos, porque eram animaes formosissimos e que muito me queriam. Fui rico, sou pobre agora; que differença ha? Se eu tivera sentido necessidade ou prazer de gastar, experimentaria agora o pesar de ter de renunciar aos deleites e de não poder vencer as necessidades; eu porem gastava sem precisão e sem gosto. Se, na semana passada, alguem me pedira a metade do meu patrimonio a troco de mais vinte annos de vida, talvez nem acceitasse o contracto; mas agora que me levaram todo o meu patrimonio, o melhor que posso fazer é allegar os meus direitos a quarenta annos de vida, pagos anticipadamente até á ultima semana, e vivel os todos alegremente. A nossa existencia (fallo da minha) é como um bom charuto: fumo e cinza; os ricos enfastiados atiram ás vezes com elles fóra antes de tempo, a gente pobre, porem, até aproveita as pontas já ardidas. O que é que faz o suicida?

— Fumar o charuto sómente até ao meio. Ora diga lá acha que raciocino como quem está demente?

— Um poucochinho — replicou a Amalia; — mas diga-me; esses quarenta annos que deseja

viver alegremente, pagou os, com effeito, até á ultima semana?

O Frederico não percebeu logo; mas depois, riu-se e acrescentou:

— Verdadeiramete, ainda não; exaggerei. Terei pago para ahi, uns trinta e nove, ou trinta e oito, talvez, porque alguma coisa me resta ainda do meu patrimonio. E direi mesmo, para lhe falar com franqueza, que se me achasse reduzido a não ter de meu senão os taes quarenta annos de vida futura, ver-me-hia assaz embaraçado para os viver. Sou, como sabe, um ignorante; não sirvo para nada e nem poderia empregar-me como caixeiro de commercio... ou... serrador. Dizem que a morte pela fome é horrivel, e eu estou persuadido que o pão da esmola me afogaria, logo á primeira dentada... Mas que tem? Perdôe-me, por quem é, sou um estouvado

— Que será feito do sol?

— Escondeu-se; não tarda ahi outra vez; fallemos de coisas alegres — se nós fossemos dar um passeio pelo jardim?

— Permitte-me uma pergunta indiscréta?

— Diga lá

— Quanto lhe resta do seu patrimonio?

— Ainda o não sei — respondeu em tom chocarreiro o Frederico; — visitou a minha quinta e pouco ou nada viu d'ella; foi o mesmo que eu hontem fiz; pois, sem embargo, ha aqui duas hypothecas; por fortuna podem entrar no rateio. Vendendo um pedaço de terreno e mandando de presente a quem o quizer o ladrão do meu feitor, sempre me ficará com que viver; ao menos, assim o diz o meu gerente Tracei já o programma da minha existencia; deitar-me ás ave-marias e levantar-me com a alvorada; beber leite mugido, visitar os campos, tratar do jardim, estudar botanica e geologia, ir á caça por esses montes, pescar á rede no lago, jantar aves assadas e peixe frito; e, finalmente, dedicar-me-hei a criar bichos de seda.

— Falla a sério?

— Por que hei de eu estar a brincar? Andando com tento nas sahidas, augmentarei pouco a pouco as entradas; fazer economias, sempre é melhor que não fazer cousa nenhuma.

— E não receia o aborrecimento?

— De modo nenhum: conservar-me-hão o bom humor os meus antepassados da Edade da Pédra. É boa gente, tosca, mas replecta de geologia e de paleonthologia...

— Mas o senhor despreza a sciencia?

— Jamais a desprezei, a não ser em certos eruditos que eu conheço; o que eu não posso tragar é a vaidade scientifica.

— É portanto verdade que a sciencia não é impotente, visto como póde proporcionar tantas consolações.

— Não, não é verdade: porque se a sciencia é creancice, o homem é sempre creança.

Amalia ia protestando, vivamente, com a cabeça, que não, mas o mancebo proseguiu:

— Eu me explico: o homem fica sempre menino; a sciencia porém não é um d'esses bonequinhos que se deitam fóra mal se partiu o machinismo que tem lá dentro; a sciencia é um brinquêdo que se transforma entre as mãos, que a cada olhar attento engrandece e se embelleza:

— Bravissimo! E' assim mesmo.

— E eis ahi o motivo porque — concluiu o Frederico, — não mui descontente com a comparação — e eis ahi porque ha gente que brinca com élla toda a vida sem jámais se aborrecer.

— Vaticino-lhe que chegará a ser um paleontologo, ou geologo ou coisa muito importante em *ologo* — disse a Amalia alégremente — Ora olhe para aquelle passarinho que está ás bicadas á vidraça; vá abrir-lh'a, deixe-o entrar.

Obedeceu o Frederico e com muita precaução abriu as vidraças, o curiôso aládo, porém, teve medo e voou a esconder-se n'uma arvore.

— Se nós fossemos tambem? — observou a Amalia.

— No limiar da porta parou, muito séria.

— A mim mesma prometti quando aqui entrei que não havia de sahir sem termos feito as pazes e que estivessemos excellentes amigos... Quer dar-me a sua mão?

— Ella aqui está.

— Agora, dê cá o braço.

Sahiam: o sól punha refléxos dourados no tapete de rélva e mil scentelhas de prata na areia das ruas.

Lá no ultimo ramo da arvore o passarinho curioso movia-se como quem faz cortezias.

Dando o braço á companheira, o Frederico tomára por uma das ruas do jardim; caminhava a passo ligeiro, saltando, quasi; sentia-se dominado por insólita alegria e nem sequer reparava no sorriso melancholico que viu pairar nos labios da Amalia.

N'uma volta da rua avistou de longe o grupo dos velhos e apressou-se em retroceder.

— Frederico! — bradou o Joaquim.

— Estão a chamal-o — observou a Amalia.

— Não tem duvida — já vamos. Dizia então?...

— O que é que eu dizia?

— Não tinha mais nada a dizêr-me?

— A verdade é que eu julgava que tinha muito que lhe dizer, e agora está-me parecendo que já acabei.

— Emquanto passeamos, recordar-se-ha e ir-me-ha dizendo essas coisas todas; agora que sômos amigos, devêmos trocar confidencias para mutuamente nos ficarmos conhecendo — Quer que vamos até o fim da rua?

— Pois sim, vamos.

— Foram, mas sem dizer coisa alguma.

— Quando chegaram ao extrêmo, parou de repente o Frederico, e depois de ter olhado em derredor:

— Minha senhora — disse em tom chocarreiro; — quando duas pessoas teem feito as pazes.

— Ahi vem o papá — atalhou a Amalia largando o braço do cavalheiro e affastando-se a correr.

Em vez de a seguir, o Frederico permaneceu immovel, procurando com a vista o doutor Roque, que não appareceu; quando comprehendeu que fôra burlado, já a joven estava longe.

Apeteceu-lhe então reclinar-se na relva; e algum tempo depois de ter desapparecido a Amalia, continuou a ver uma joven que se ia sumindo lá ao fundo de uma lamêda de arvores sempre verdes; era a sua mocidade que se perdia na monotonia invariavel do seu viver anterior.

— Em seguida saccudiu-se, poz-se a pé e foi pela rua fóra, a correr como qualquer rapaz de escóla; ao chegar, porém, a um cotovello que a rua ali fazia, teve de parar, respirou fortemente e appoiou a mão no peito; faltava-lhe o alento e o coração palpitava-lhe com força.

— Que homem que eu estou para correr!

Disse-o com certa tristeza, mas logo se consolou pensando que ninguem o obrigava a correr.

(Continúa.)

Pin-Sél.

GUERRA HISPANO-AMERICANA

DEWEY

Almirante da esquadra americana nas Filippinas

WILLIAM SAMPSON

Almirante da esquadra americana em Santiago

Recebemos e agradecemos:

O problema do casamento — *por Paulo Mantegazza — traducção do original italiano por Candido de Figueiredo — Lisboa — Tavares Cardoso & Irmão, editores, 1898.*

Este livro é formado pelos dois estudos mais interessantes originaes de Paulo Mantegazza — *Arte de escolher esposa* e *Arte de escolher marido* e offerece uma leitura bastante sã e necessaria. Escripto para o maior numero, apresenta considerações tão uteis como agradaveis, cuja leitura influe decididamente no espirito d'aquelles que o manuseiam. Livro de altissima moral, não só deleita pela forma simples por que está escripto, mas deve representar um papel importantissimo n'uma sociedade como a portugueza.

Na presente traducção conjugam-se as mais preciosas qualidades: clareza e delicadeza, o que torna tambem muito aprazivel a leitura do *Problema do Casamento.*

Contribuições *da Sociedade de Geographia de Lisboa na celebração do 4.° centenario do descobrimento do Caminho Maritimo para a India.*

Os ultimos trabalhos incluidos n'esta selecta collecção das contribuições da Sociedade de Geophia de Lisboa e que temos presentes são os seguintes:

Episodio do Gigante Adamastor, interessante estudo critico do canto V est. XXXVII a LXX dos *Luziadas*, devido á penna do nosso illustre amigo e distincto poeta sr. José Benoliel.

A Imprensa em Portugal nos seculos XV e XVI, opusculo que trata das *Ordenações de el-rei D. Manuel*, esses primorosos paleotypos da nossa industria typographica, eruditamente descriptos por Brito Aranha, o infatigavel bibliophilo portuguez.

Flora de Gôa e Savantvadi pelo dr. D. G. Delgado. Esta bella obra de sciencia constitue um trabalho notabilissimo, porque representa estudos aturados e offerece uma excellente methodisação das plantas medicinaes, alimentares e industriaes da nossa India, tão rica e tão mysteriosa nos segredos da sua flora e que o sr. Delgdo patenteia brilhantemente.

Elementos *para a Historia do Municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira. Tomo IX — 1898.*

Alcança já o seu nono volume esta riquissima coordenação dos importantes documentos do archivo municipal de Lisboa, muito lucidamente agrupados, e commentados com raro criterio, pelo erudito archivista sr Freire de Oliveira, que n'este seu trabalho tem uma bella obra, cuja publicação honra em extremo a camara municipal e o paiz, porque nos nove volumes apparecidos se encontram centenares de documentos interessantissimos, não só para a historia da capital como para a da nação inteira.

Os nossos louvores, pois, ao auctor e á camara municipal.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39